





ARTIGOS/ENSAIOS

POÉTICA DAS ÁGUAS, UM MERGULHO NA SENSIBILIDADE ESTÉTICA NO LEITO DECOLONIAL

Criadores de sentidos, somos movidos na sensibilização e na emoção estética que vem da natureza, que está em nós e que nos configura. Somos levados a essa mobilidade revolucionária, artística, livre e fecunda. Nesse mergulho, o que se busca é a margem decolonial.

**COLETIVO KÓKIR
ESPECIAL PARA ARTE & CRÍTICA**

Mergulho nas águas azuis, de Coletivo Kókir, Florêncio ReKayg Fernandes e Julia Tiemi

Somos parte do cosmos em um curso movido pelas emoções derivadas dos nossos sentidos: vagos e indefiníveis sentimentos que nos vêm das formas, dos sons, das cores, dos tato, dos sabores e nos levam à unidade original com o todo universal. Somos sujeitos em transformação no coletivo e singular, na produção de significados. Gerados no curso das águas, fazemos parte da cocriação. Estamos conectados em frequência e ritmo da Vida uterina e nos desprendemos da nave mãe para o mundo, filhos originados dessa luz, levados ao portal para Vida em matéria poética sensível.

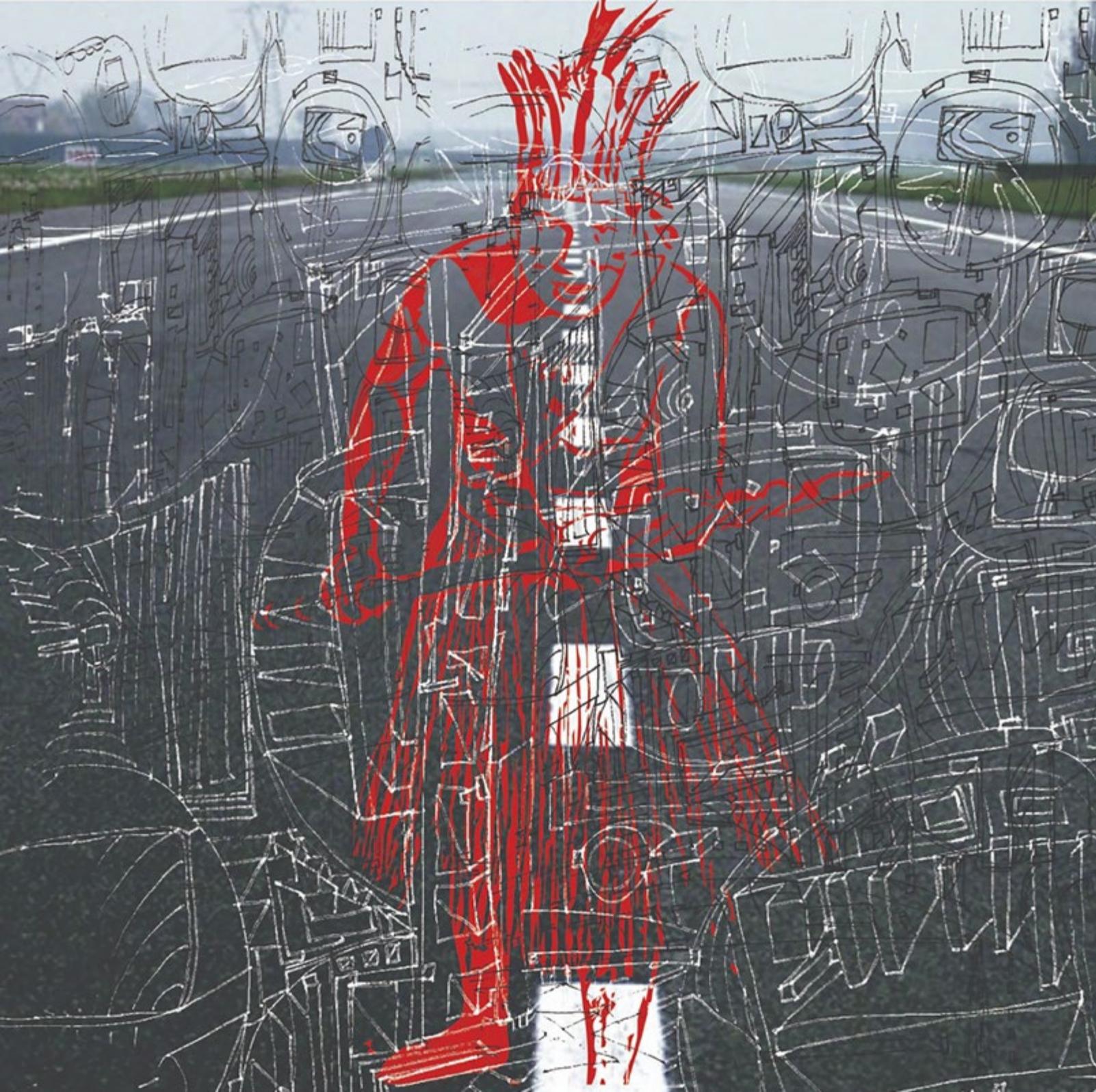
Resistimos ao que nos aprisiona, diante da insistência colonizante. Libertos dessas amarras, ao invés de içarmos a âncora, içamos as velas do nosso destino para navegarmos. Sujeitos aprendizes, aprendendo no fluxo das águas em percurso revelador, nas paisagens compostas dessa atmosfera azul. Entre o céu e a terra, observamos as transformações na matéria ao evaporar, condensar e mesmo ao se reorganizar em suas estruturas moleculares. Nessas

transformações vemos o processo da arte acontecer e nela, sua composição de Vida em um movimento de matérias e ideias, sobre cosmovisões e posições pulsantes. Arte para se tornar Vida. Em nossas origens somos geradores de energia sensível que flui, neste insondável abismo sobre a essência e interpretação da Vida. Criadores de sentidos, somos movidos na sensibilização e na emoção estética que vem da natureza, que está em nós e que nos configura. Somos levados a essa mobilidade revolucionária, artística, livre e fecunda. Nesse mergulho, o que se busca é a margem decolonial.

Pela arte desfazemos os nós, os sedimentos sobre as ideias fixas. As práticas artísticas de resistência têm sido silenciadas ao longo da história, estruturadas em redes de conexões entre identidades poéticas plurais, na articulação de sistemas simbólicos que marcam a territorialidade. Encapsuladas no espelho, elas vêm sendo ocultadas entre a superfície e sua base mais profunda. Ao decolonizar o pensamento



Epry venkhapóv_Encruzilhada, Coletivo Kókir e Luiz da Silva Kaingang



Epry venkhapón_Encruzilhada,
Coletivo Kókir e Luiz da Silva
Kaingang



Mariguã, de Tadeu dos Santos Kaingang

busca-se alcançar a margem que transborda livremente, não havendo barragem, diques ou sangradores que possam aprisionar. As vazantes revelam-se no estímulo de seguir em frente, como um convite ao mergulho, das margens para as camadas mais profundas, por onde se condensam as versões decolonizantes. São fluxos, correntes que passam despercebidas na superfície, pois surgem da imersão no inexplorado e permitem ressoar vozes que são dissonantes, em contraste com as narrativas convencionadas que aprisionam a história oficial. Esta se mostra incompatível, tendo em vista o movimento constante das revisões disponibilizadas pelos vazadores: versões em lágrimas que escorrem daqueles que compõem o grande lago social e suas margens.

O intuito é estabelecer novas possibilidades de entendimento do pensamento decolonial, compreendendo os sujeitos históricos, proporcionando uma reflexão sobre as possibilidades emancipadoras, como aponta Mignolo (2019). Segundo Quijano (2005), a decolonialidade significa, ao mesmo



Os artistas Tadeu dos Santos Kaingang e Sheilla Souza

tempo, a reconstituição da teoria do conhecimento e do saber, em todas as esferas (gnosiológicas, e não apenas científicas e filosóficas), assim como a reconstituição da Estética (Filosofia) e dos fenômenos estéticos canonizados.

O que há do outro lado nas reviradas sobre escombros, destroços e

entulhos, que à primeira vista vemos como obstáculos ou barreiras, revela a arte em suas múltiplas dimensões identitárias, porque flui da emergência contrastiva. Emergem dali estéticas diversas, alavancando obstruções contra os regimes de invisibilidade, que tornamos decolonizantes.



Sequestro de Abye yala, de Tadeu dos Santos Kaingang



Tadeu Kaingang trabalhando com comunidades indígenas

O rompimento de barreiras e desvios do leito constituem resistências na força das águas, em corredeiras que passam a desenhar novos percursos, vazados em contornos entre o invisível e o transparente. Suaves mananciais em suas especificidades, desenham encontros que irrigam em forma de poesia. Entre as camadas superficiais e subterrâneas, do abstrato ao concreto, vão levando substâncias e reformulando um ou mais futurismos, em campos férteis para a sensibilidade etnoestética. Despontam em uma nova paisagem decolonial ao ecoar livremente

pelos vales, transpondo obstáculos. No seu leito, o fluxo não para, ao reapropriar e também reparar o instante.

Buscamos uma reflexão na diversidade, para além das camadas em que se encontram os corpos insurgentes, que fazem ecoar muitas vozes e repercutir a arte feminina de Abya Yala. Sobre esse vale de vozes, entrelaçado em palavras, emana um espírito que carrega a memória ancestral, um passado vivo. África e Brasil: é aqui, a partir dessas versões históricas recuperadas pela perspectiva decolonial que deve estar impregnada a matéria e equipamentos das memórias e museus.

Esse lugar de resguardo da memória ancestral, seja ela *hightech* ou não, deve ser proveniente dos povos originários e invisibilizados, sem deixar de abraçar o legado de todas as espécies vegetais, animais ou minerais que constituem a grande rede. Recuperando o respeito pela casa, o ambiente não é meio, mas sim parte constitutiva de nosso ser, que não está estagnado, mas vive no

fluxo, em constante transformação. A colonialidade está longe de ter sido superada, logo, a decolonialidade deve prosseguir e por essa razão devemos nos manter vigilantes, buscando nas brechas a virada decolonial.

REFERÊNCIAS

Mignolo, Walter (2019). Reconstitución epistémica/estética: la aesthesis decolonial una década después. *Calle 14: revista de investigación en el campo del arte* 14(25). pp. Xxx- DOI: <https://doi.org/10.14483/21450706.14132>

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgard (org). **A colonialidade do poder: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas.** Colección Sur Sur. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

COLETIVO KÓKIR

Formado pelos artistas Tadeu dos Santos Kaingang e Sheilla Souza, o Coletivo Kókir apresenta em suas criações questões relacionadas às culturas indígenas na contemporaneidade. Kókir significa fome na língua Kaingang. Tadeu e Sheilla são também professores no curso de Artes Visuais na Universidade Estadual de Maringá, Paraná (UEM), no Sul do Brasil e membros da Associação Indigenista - ASSINDI - Maringá. O diálogo entre arte, cidade e povos indígenas configura-se em diferentes meios, como instalações, pinturas, vídeos, performances e publicações, entre outros. Muitos dos trabalhos realizados pelo coletivo buscam a reflexão sobre a importância dos saberes indígenas em interações com grupos, comunidades e artistas indígenas e não indígenas.